

LENDO A ESCRITA ALÉM DO ESCRITO:  
*ATMOSPHERE, MOOD, STIMMUNG: ON A  
HIDDEN POTENTIAL OF LITERATURE,*  
DE HANS ULRICH GUMBRECHT

*READING THE WRITING BEYOND THE WRITTEN: A SUMMARY  
OF THE BOOK ATMOSPHERE, MOOD, STIMMUNG: ON A HIDDEN  
POTENTIAL OF LITERATURE, BY HANS ULRICH GUMBRECHT*

*André Carlos Moraes<sup>1</sup>*

Resenha do livro:

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosphere, mood, Stimmung: on a hidden potential of literature*. Trad. Erik Butler. Stanford: Stanford University Press, 2012. 140 p.

O pesquisador alemão radicado nos Estados Unidos Hans Ulrich Gumbrecht é um dos nomes da hora e tem motivado alternativamente fascínio e hostilidade nos meios acadêmicos internacionais. Atuando em uma área interdisciplinar entre a literatura, os estudos culturais, a filosofia e a comunicação, suas teorias às vezes provocam reações semelhantes às que, no passado, costumavam ser despertadas pelo canadense Marshall McLuhan ou pelo francês Régis Debray. Embora os três não tenham afinidade teórica, em certa medida situam-se na mesma confluência temática e desenvolveram obras ricas em *insights*, embora com metodologias pouco ortodoxas e às vezes criticadas. Até por conta desse tipo de polêmica, merece interesse a obra *Atmosphere, mood, Stimmung*. Lançada em 2012, é versão em inglês de uma coletânea de ensaios do autor em alemão, que saiu em circuito mais restrito na Alemanha em 2011.

O livro reúne análises de Gumbrecht versando sobre o conceito de *Stimmung*, vocábulo empregado por críticos alemães que significa ao mesmo tempo *atmosfera* ou *clima*, *humor* e *afinação* (como em instrumentos musicais). Na apropriação do termo feita pelo autor, *Stimmung* descreve a atmosfera construída por uma obra de arte, que tanto pode ser um esforço intencional do criador quanto uma circunstância histórica externa que se entranha no processo criativo.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. andrecmoraes@uol.com.br

Os doze ensaios da coletânea analisam o *Stimmung* em obras literárias, como os sonetos de Shakespeare, a novela *Morte em Veneza* de Thomas Mann e a literatura picaresca da Espanha do século XVI, mas também em outras formas de expressão artística, como as músicas de Janis Joplin e as obras do pintor alemão Caspar David Friedrich. De interesse especial para os brasileiros é a análise de Gumbrecht sobre o romance *Memorial de Aires*, de Machado de Assis. Embora alguns desses objetos de análise pertençam a períodos anteriores, sua leitura radical ao longo dos ensaios diz muito sobre o momento presente.

Justamente, antes de apresentar o cerne das análises do autor, é preciso entender o momento em que se situam sua obra e suas teorias. Gumbrecht ganhou projeção internacional ligado ao grupo de estudos das Materialidades da Comunicação, conjunto multidisciplinar de teorias e análises reunido na coletânea de 1994 (da qual é o compilador) *Materialities of Communication*, por sua vez produto de uma série de colóquios e conferências realizados ao longo dos anos 1980. Autores de diferentes áreas propunham ali um olhar científico sobre as humanidades, escapando à hermenêutica do texto que, alegadamente, dominaria os ensaios contemporâneos, principalmente em estética.

Gumbrecht, pessoalmente, refinou sua própria versão dessa proposta em sua obra mais importante, *Production of Presence*, de 2004, na qual expõe o que define como uma epistemologia alternativa à hermenêutica. Sua tese principal é que a hegemonia contemporânea de análises de conteúdo é um derivado da concepção cartesiana de universo, uma obsessão em diferenciar corpo e espírito. Em resposta a isso, propõe a revalorização de conceitos como a noção aristotélica de signo, ligada à substância tanto quanto ao significado. O autor se ampara também em conceitos de Martin Heidegger para salientar a necessidade de uma atenção às “coisas do mundo”, não só ao domínio abstrato das ideias. O conceito principal introduzido por Gumbrecht, “presença”, é, justamente, o resgate da função referencial, a compreensão do mundo como local concreto, de coisas que têm uma dimensão física. A presença, para ele, estaria sempre em oposição à cultura, que a anula. Não haveria ponto intermediário. Toda cultura é sempre a negação da presença, mas resta dessa anulação um efeito residual, uma nostalgia do concreto, apreensível mesmo no seio das ideias.

Todo esse preâmbulo é necessário para compreender aonde Gumbrecht tenta chegar em *Atmosphere, mood, Stimmung*. Após *Production of Presence*, o autor foi criticado, às vezes ferozmente, por seu tom quase religioso ao defender uma ruptura epistemológica. Ao mesmo tempo, enfrentou a objeção de elaborar apenas uma declaração de princípios, uma defesa, mas não a instituição ou proposição

de uma análise alternativa dos objetos culturais. Sua nova obra, justamente, é um exercício de interpretação nesses moldes.

Buscando o *Stimmung*, em resumo, Gumbrecht procura demonstrar como em várias instâncias da produção cultural e artística, desde a literatura até as artes plásticas e a música, é possível observar efeitos que não são estritamente de conteúdo, mas físicos. Defende que é possível encontrar esse efeito concreto, por exemplo, na musicalidade dos versos de um poema, feita para enlevar o leitor independente do sentido que carreguem. Outros pontos de sua análise tentam mapear as alusões a climas físicos que sejam construídas pelos autores no interior das obras, como o que fazia Thomas Mann com suas metáforas e descrições meteorológicas na novela *Morte em Veneza*. No *Memorial de Aires* de Machado de Assis, Gumbrecht vê, igualmente, uma atmosfera tensa de fim do Império entremeada às reflexões do narrador Aires, amargurado pelo próprio envelhecimento, passagem opressiva do tempo que assola também os personagens da história que ele mesmo narra.

Ao longo das análises, Gumbrecht repetidamente evoca o conceito de “crise de representação” de Michel Foucault, às vezes conjugado ao fenômeno histórico da emergência do observador de segundo nível, de Niklas Luhmann, ambos indicativos, segundo ele, da erupção moderna de um olhar diferente, menos inocente, sobre a arte. Leitores e escritores, pintores e espectadores não mais poderiam ser alheios à sua própria ação de fruição ou criação. Nessa latência do espectador que se sabe espectador, ou do observador que se coloca na posição de observador dentro do próprio quadro (o pintor alemão Caspar David Friedrich costumava fazer exatamente isso), Gumbrecht defende a iminência de uma fisicalidade que se impõe nas artes mesmo que indireta e inconscientemente. Seria o *Stimmung* o clima ou atmosfera que é uma presença física mesmo no interior do texto e por vezes à revelia das intenções de seu autor.

Seria possível oferecer uma objeção rigorosamente dentro do plano programático do autor. A proposição de resgatar a materialidade envolvida no processo artístico, anunciada por Gumbrecht como uma abordagem epistemológica renovadora, não pareceria, à primeira vista, compatível com quaisquer formas de exegese. Ao efetuar exercícios de detecção do *Stimmung* no interior do conteúdo dos textos, como faz com Machado de Assis e Thomas Mann, não estaria o autor incorrendo exatamente na mesma hermenêutica que condena na cultura contemporânea? Talvez antevendo essa crítica, ele não reivindica que *Atmosphere*, *mood*, *Stimmung* faça parte, necessariamente, do corpo principal de sua teoria. Ele menciona como “observação à parte” que a obra tem apenas “conexões associativas” (GUMBRECHT, 2012, p. 6) com *Production of Presence*. Fazendo isso, não oferece a coleção de ensaios propriamente como um exercício de seu próprio conceito, mas

quase uma digressão. Mas não seria difícil contrapor a essa observação a réplica de que ou ela sinaliza uma incoerência entre a aplicação e a teoria ou, então, busca blindar o autor do olhar mais rigoroso dirigido por aqueles que, no passado, acusaram-no de inconsistência. Em defesa de Gumbrecht, seria possível argumentar que sua obra, como a de Marshall McLuhan e em parte a de Régis Debray, é mais propositiva do que metodológica, e nem sempre completamente finalizada nas minúcias descritivas dos objetos de análise.

Uma resenha, naturalmente, não tem a pretensão ou a capacidade de reproduzir toda a riqueza da obra resenhada, e certamente estará limitada à capacidade do resenhista, que não necessariamente estará à altura da missão de compreender toda a complexidade do autor. Ler Hans Ulrich Gumbrecht, tanto em *Production of Presence* quanto *Atmosphere, mood, Stimmung*, é um pouco uma montanha-russa intelectual, uma corrida acelerada por uma sucessão crescentemente mais convoluta de nuances e sutilezas, pontuada pelos panoramas às vezes deslumbrantes des-cortinados pela grande erudição que faz questão de exibir. Se você se sentir tonto, é porque começou a entrar no espírito do autor. A vertigem, afinal, é definitivamente uma forma de *Stimmung*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Production of Presence: what meaning cannot convey*. Stanford: Stanford University Press, 2004. 180 p.
- \_\_\_\_\_. *Atmosphere, mood, Stimmung: on a hidden potential of literature*. Trad. Erik Butler. Stanford: Stanford University Press, 2012. 140 p.

Recebido em 15.05.2014

Aceito em 02.06.2014